

**Stephen Chbosky**

**AMIGO  
IMAGINÁRIO**

*Tradução de*  
**José Roberto O'Shea**

*Revisão de*  
**Diogo Sinésio**

**1ª edição**



**EDITORA RECORD**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

**2020**

# SUMÁRIO

## Agradecimentos

## PARTE I – Hoje

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

## **PARTE II – Sonhos se realizam**

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 14

Capítulo 15

## AGRADECIMENTOS

Eu só gostaria de dizer a todos listados abaixo que não haveria livro sem eles e de agradecer a todos, do fundo do coração.

Liz, Maccie e Theo Chbosky

Wes Miller

Karen Kosztołnyik

Ben Sevier

Emad Akhtar

Luria Rittenberg

Laura Jorstad

Laura Cherkas

Eric Simonoff

Jeff Gorin

Laura Bonner

Kelsey Nicolle Scott

Ava Dellaira

Randy Ludensky

Jill Blotevogel

Robbie Thompson

Stacy, John e Drew Dowdle  
Fred e Lea Chbosky

E, por último...

Emma Watson, que inspirou o fim deste livro no set de *As vantagens de ser invisível*, e Stephen King, que inspirou tudo o mais.

50 anos antes...

*Não sai da rua. eles não conseguem te pegar se você ficar na rua.*

O pequeno David Olson sabia que estava encrencado. Quando sua mãe e seu pai voltassem, a coisa ia ficar feia para o lado dele. Sua única esperança era o travesseiro enfiado debaixo do cobertor, que fazia parecer que ele ainda estava na cama. Era assim que se fazia nas séries de TV, embora nada disso importasse mais. Ele tinha saído de fininho do quarto, descido pela hera, escorregado e machucado o pé. Mas não foi nada sério. Não foi como o que acontecia com seu irmão mais velho no futebol americano. Nada muito sério.

O pequeno David Olson desceu mancando a Hays Road. A névoa no rosto. A neblina se assentando na ladeira. Ele olhou para a lua. Era a segunda noite seguida de lua cheia. Uma lua azul. Foi o que o seu irmão mais velho disse. Como a música “Blue Moon” que a mãe e o pai dançavam às vezes. Na época em que eram felizes. Antes de passarem a ter medo de David.

*Blue Moon.*

*I saw you standing alone.*

O pequeno David Olson ouviu alguma coisa no meio dos arbustos. Por um segundo, achou que fosse mais um daqueles sonhos. Mas não era. Sabia que não era. Ele se forçou a ficar

acordado. Mesmo com as dores de cabeça. Ele precisava chegar lá essa noite.

Um carro passou, banhando o nevoeiro com o farol. O pequeno David Olson se escondeu atrás de uma caixa de correio enquanto rock'n'roll jorrava do velho Ford Mustang. Dois adolescentes davam risadas. Muitos jovens vinham sendo recrutados para o Exército, e dirigir bêbado estava entrando na moda. Pelo menos, foi isso que seu pai disse.

— David? — sussurrou uma voz. Um sussurro sibilado. Sssss.

Alguém disse isso? Ou ele imaginou ter ouvido?

— Quem tá aí? — perguntou David.

Silêncio.

Deve ter sido a sua imaginação. Tudo bem. Pelo menos não era a mulher sibilante. Pelo menos ele não estava sonhando.

Ou estava?

David olhou para a esquina mais abaixo na ladeira, com o grande poste de luz na Monterey Drive. Os adolescentes passaram por lá, levando o som com eles. Foi então que David viu a sombra de uma pessoa. Havia uma figura no meio da luz do poste. Esperando e assobiando. Assobiando e esperando. Uma música que soava um pouco como

“Blue Moon”.

Os pelos da nuca de David se arrepiaram.

*Não se aproxima daquela esquina.*

*Fica longe daquela pessoa.*

O pequeno David Olson preferiu cortar caminho pelo quintal das casas.

Foi na ponta dos pés até uma cerca velha. *Não deixa eles ouvirem você. Nem verem. Você não está na rua. É perigoso.* Ele olhou para uma janela no alto onde uma babá dava uns amassos no namorado enquanto o bebê choramingava. Mas soava como um gato. Ele ainda tinha certeza de que não estava sonhando, mas era cada vez mais difícil saber. Então passou por baixo da cerca e ficou com manchas de grama molhada na calça do pijama. Sabia que seria impossível esconder isso da mãe. Ele mesmo teria que lavá-la. Como com a roupa de cama, que ele tinha voltado a molhar enquanto dormia. Ele lavava o lençol todas as manhãs. Não podia deixar a mãe saber. Ela ia fazer perguntas. Perguntas que ele não teria como responder.

Não em voz alta.

Ele avançou pelo pequeno bosque nos fundos da casa da família Maruca. Passou pelo balanço que o sr. Maruca tinha montado com a ajuda dos filhos. Depois de um dia de trabalho árduo, sempre havia dois Oreos e um copo de leite à espera. O pequeno David Olson os ajudou uma ou duas vezes. Adorava aqueles Oreos. Principalmente quando ficavam meio moles e velhos.

— David?

O sussurro foi mais alto agora. Ele olhou para trás. Não havia ninguém por perto. Ele espreitou pelas casas, olhando para o poste da rua. A pessoa-sombra tinha desaparecido. A figura poderia estar em qualquer lugar. Poderia estar bem atrás dele. *Ai, por favor, que não seja a mulher sibilante. Por favor, que eu não esteja dormindo.*

Crec.



Um galho estalou atrás dele. O pequeno David Olson esqueceu o pé machucado e correu. Cortou caminho pelo gramado da família Pruzan, desceu pela Carmell Drive e virou à esquerda. Ouvia o ruído de cães ofegantes. Chegando mais perto. Mas não havia cães. Eram apenas barulhos. Como nos sonhos. Como o bebê-gato choramingando. Eles o estavam perseguindo. Então ele correu mais rápido. Suas botinhas chapinhavam no asfalto molhado. Chuac-chuac-chuac, como os beijos de uma avó.

Quando finalmente chegou à esquina da Monterey Drive, ele virou à direita. Correu pelo meio da rua. Feito um bote num rio. *Não sai da rua. Eles não conseguem te pegar se você estiver na rua.* O menino ouvia os barulhos dos dois lados. Leves assobios. Cães ofegantes. E salivando. E bebês-gato. E aqueles sussurros.

— David? Sai da rua. Você vai se machucar. Vem pro gramado que é seguro.

Era a voz da mulher sibilante. Ele sabia. A voz dela era sempre agradável no início. Como uma professora substituta que faz o máximo para ser simpática. Mas, quando se olhava para ela, a simpatia ia embora. Ela se transformava em dentes e numa boca sussurrante. Pior que a Bruxa Malvada do Oeste. Pior que qualquer coisa. Quatro patas feito um cão. Ou um pescoço longo como o de uma girafa. Ssssss.

— David? Sua mãe machucou os pés. Eles estão cheios de cortes. Vem me ajudar.

A mulher sibilante estava usando a voz da mãe dele. Golpe baixo. Mas fez isso mesmo assim. Ela conseguia até parecer a

mãe dele. Na primeira vez, tinha funcionado. Ele chegou a ir até ela no gramado. E ela o agarrou. Ele passou dois dias em claro depois daquilo. Quando ela o levou para aquela casa com o porão. E com aquele forno.

— Ajuda a sua mãe, seu merdinha.

Agora era a voz da sua avó. Mas não era sua avó. David sentia os dentes brancos da mulher sibilante. *Não olha pra eles. Continua olhando pra frente. Continua correndo. Corre até o balão de retorno da rua sem saída. Você pode fazer com que ela vá embora pra sempre. Corre até o último poste de luz.*

— Sssssssss.

David Olson olhou para a frente, para o último poste de luz no balão de retorno da rua sem saída. E, então, parou.

A pessoa-sombra tinha voltado.

A figura estava no meio da luz do poste. Esperando e assobiando. Assobiando e esperando. Sonhando ou acordado, aquilo era ruim. Mas David não podia parar agora. Tudo dependia dele. Ele precisava passar pela pessoa-sombra para chegar ao lugar combinado.

— Sssssssssssss.

A mulher sibilante estava mais perto. Logo atrás dele. De repente, David Olson sentiu frio. Seu pijama estava molhado. Nem o sobretudo ajudava. Continue andando. Era tudo que ele podia fazer. Ser corajoso feito o irmão mais velho. Ser corajoso feito os adolescentes que estavam sendo recrutados. Ser corajoso e continuar andando. Um pequeno passo. Dois pequenos passos.

— Oi? — disse o pequeno David Olson.

A figura não falou nada. A figura não se mexeu. Apenas inspirou e expirou, a respiração formando

Nuvens.

— Oi? Quem é você? — perguntou David.

Silêncio. Era como se o mundo tivesse prendido a respiração. O pequeno David Olson pôs um dedo do pé na luz. A figura se mexeu.

— Desculpa, mas eu preciso passar, tá bom?

O silêncio continuou. David avançou o dedo do pé na luz. A figura começou a se virar. David pensou em voltar para casa, mas tinha que seguir adiante. Era a única forma de detê-la. Ele colocou o pé inteiro na luz. A figura se virou de novo. Uma estátua acordando. A perna inteira. Por fim, David não aguentou mais e entrou por inteiro na luz. A figura correu para ele. Gemendo. Estendendo o braço. David atravessou o fecho de luz correndo. Com a figura atrás dele. Salivando. Gritando. David sentiu as unhas compridas dela se aproximando e, quando a figura estava prestes a agarrar seu cabelo, ele escorregou pela calçada áspera, como numa jogada de beisebol. Arranhou feio o joelho, mas não importava. Ele havia conseguido sair da luz. A figura parou de se mexer. David estava no fim da rua. No balão de retorno da rua sem saída com a cabana de madeira e o casal recém-casado.

O pequeno David Olson olhou para além da rua. A noite estava silenciosa. Alguns grilos. Uma leve neblina iluminava o caminho até as árvores. David estava apavorado, mas não podia parar. Tudo dependia dele. Ele precisava ir até o fim ou a

mulher sibilante escaparia. E seu irmão mais velho seria o primeiro a morrer.

O pequeno David Olson saiu da rua e caminhou.

Passou pela cerca.

Atravessou o campo.

E entrou no bosque da Mission Street.

# PARTE I

---

Hoje

## CAPÍTULO 1

*Estou sonhando?*

Foi o que o menino pensou quando a velha caminhonete Ford passou por um quebra-molas e o acordou de súbito. Ele teve aquela sensação de estar aconchegado na cama e, de repente, precisar ir ao banheiro. Seus olhos se estreitaram por causa do sol e ele contemplou a Ohio Turnpike. O vapor do calor de agosto evaporava da rodovia como as ondas da piscina para onde a mãe o levou depois de economizar dinheiro deixando de almoçar por um tempo. “Perdi um quilo e meio”, disse ela na época, dando uma piscadela. Aquele dia foi um dos bons.

O menino esfregou os olhos cansados e se endireitou no banco do carona. Ele adorava viajar no banco da frente quando a mãe dirigia. Tinha a sensação de ser sócio de um clube. Um clube especial em que só ele e aquela moça magricela e charmosa podiam entrar. Olhou para ela, emoldurada pelo sol da manhã. A pele dela ficava grudando no banco de vinil quente. Os ombros queimados de sol ladeando a blusa frente única. A pele clara logo abaixo da bainha do short. Ela segurava

o cigarro numa das mãos e tinha uma aparência elegante. Como as estrelas de cinema dos filmes que eles viam juntos nas noites de sexta. Ele adorava que a guimba dos cigarros dela tinham batom vermelho. As professoras em Denver diziam que cigarro fazia mal à saúde. Quando ele contou isso para a mãe, ela fez piada, dizendo que as professoras é que faziam mal à saúde, e continuou fumando.

— Na verdade, professoras são importantes, sim, então esquece o que eu disse.

— Tá bom.

Ele a viu apagar o cigarro e acender outro imediatamente. Ela só fazia isso quando estava preocupada. Sempre ficava preocupada quando eles se mudavam. Talvez fosse ser diferente dessa vez. Era o que ela sempre dizia desde a morte do pai dele. Dessa vez vai ser diferente. Embora nunca fosse.

E, dessa vez, eles estavam fugindo.

Ela tragou, e a fumaça passou pelas gotas do suor de agosto em seu lábio superior. Ela contemplava a estrada, acima do volante, perdida em pensamentos. Levou mais de um minuto para perceber que ele tinha acordado. E, então, sorriu.

— Não está uma linda manhã? — sussurrou ela.

O menino não se importava nem um pouco com as manhãs. Mas sua mãe, sim. Então ele assentiu.

— É, mãe. Tá mesmo.

Agora ele sempre a chamava de mãe. Há três anos, ela pediu que parasse de chamá-la de mamãe. Disse que isso o infantilizava, e ela não queria que o filho fosse infantilizado. Às vezes, pedia que ele exibisse os músculos. E ele contraía os

bracinhos ossudos fazendo os bíceps saltarem um tantinho. Forte como o pai naquela foto de Natal. A única foto que ele tinha.

— Está com fome, carinha? — perguntou ela.

O menino fez que sim.

— Tem uma parada pra descanso aqui na estrada mesmo, logo depois da divisa do estado. Tenho certeza de que tem uma lanchonete lá.

— Será que lá tem panqueca com gotas de chocolate?

O menino se lembrou das panquecas com gotas de chocolate que tinha comido em Portland. Fazia dois anos. Havia uma lanchonete embaixo do apartamento deles na cidade. E o cozinheiro sempre fazia panqueca com gotas de chocolate. Depois, ainda teve Denver e Michigan. Mas ele nunca se esqueceu daquelas panquecas nem do sujeito bonzinho que as preparava. Até conhecer aquele homem, ele não sabia que, além do seu pai, outros homens pudessem ser bonzinhos.

— Se não tiver, a gente coloca uns M&Ms' no meio da pilha de panquecas. Que tal?

O menino ficou preocupado. Nunca tinha ouvido a mãe dizer algo parecido. Nem quando estavam de mudança. Ela sempre se sentia culpada quando se mudavam. Mas, mesmo nos dias em que a culpa falava mais alto, ela dizia que chocolate não era comida de café da manhã. Dizia isso até quando tomava o shake de emagrecimento sabor chocolate como café da manhã. Não, aqueles shakes não contavam como chocolate. Ele já havia perguntado isso a ela.



— Tá bom — aceitou ele, e sorriu, na esperança de que essa bondade toda não fosse um fato isolado.

Ele voltou a olhar para a estrada. O trânsito ficou mais lento quando avistaram uma ambulância e uma caminhonete. Socorristas enfaixavam com gaze a cabeça ensanguentada de um homem. Pelo jeito, ele tinha um corte na testa e talvez tivesse perdido alguns dentes. Depois de avançarem mais um pouco, viram um cervo no teto da caminhonete. A galhada ainda pendia sobre o para-brisa. Os olhos do animal estavam abertos. E ele se agitava e se contorcia, como se não soubesse que estava morrendo.

— Não olha pra ele — pediu a mãe.

— Foi mal — respondeu, então desviou o olhar.

Ela não gostava que o filho visse cenas ruins. Ele já tinha visto muita coisa ruim na vida. Principalmente desde a morte do pai. Então desviou o olhar e observou o cabelo dela por baixo do lenço. Aquele lenço que ela chamava de “bandana”, mas que ele gostava de pensar que era um lenço mesmo, como aqueles dos filmes antigos que costumavam ver nas sextas. Ele olhou para o cabelo dela e para o próprio cabelo castanho, como o do pai naquela única foto que tinha, do Natal. Não se lembrava muito dele. Nem da voz. Apenas dos cheiros de tabaco na camisa e de creme de barbear da Noxzema. Era só isso. Não sabia nada sobre o pai, a não ser que ele deve ter sido um homem bom, porque era isso que todos os pais eram. Homens bons.

— Mãe? — chamou o menino. — Você tá bem?

Ela exibiu seu melhor sorriso. Mas o rosto expressava medo. Como se ainda fosse oito horas atrás, quando ela o acordou no meio da noite e mandou que arrumasse suas coisas.

— Rápido — havia sussurrado ela.

O menino fez o que lhe foi dito. Jogou dentro do saco de dormir tudo o que tinha. Quando foi para a sala de estar, andando na ponta dos pés, viu Jerry meio apagado no sofá. Jerry estava esfregando os olhos com os dedos. Os dedos tatuados. Por um instante, quase acordou. Mas não acordou. E, enquanto Jerry estava apagado, eles entraram no carro. Com aquele dinheiro no porta-luvas, que Jerry desconhecia. Jerry tinha acabado com todo o resto. Na calada da noite, foram embora. Durante a primeira hora, ela olhou mais para o espelho retrovisor que para a estrada.

— Mãe? Ele vai encontrar a gente? — perguntou o menininho.

— Não — respondeu ela, então acendeu outro cigarro.

O menininho olhou para a mãe. E, na luz da manhã, finalmente viu que a bochecha vermelha não era maquiagem. E foi tomado por um sentimento. Disse para si mesmo.

*Você não pode falhar.*

Era sua promessa. Olhou para a mãe e pensou: *eu vou te proteger*. Não como na época em que era pequeno e não podia fazer nada. Agora estava maior. E seus braços não seriam fracos e ossudos para sempre. Ele faria flexões. Ficaria forte pelo bem dela. Ele a protegeria. Faria isso pelo pai.

*Você não pode falhar.*

*Você tem que proteger a sua mãe.*

*Você é o homem da casa.*

Ele olhou pela janela e viu um velho outdoor no formato de um vaso de plantas. O outdoor surrado dizia VOCÊ TEM UM AMIGO NA PENSILVÂNIA. E talvez a mãe tivesse razão. Talvez agora fosse ser diferente. Era o terceiro estado em dois anos. Quem sabe dessa vez fosse dar certo. De qualquer forma, ele sabia que não poderia decepcioná-la.

Christopher tinha 7 anos e meio.

## CAPÍTULO 2

Estavam na Pensilvânia havia uma semana quando a coisa aconteceu.

A mãe de Christopher disse que escolheu a cidadezinha de Mill Grove porque era pequena e segura e tinha uma ótima escola de ensino fundamental. Mas, no fundo, Christopher achava que ela havia escolhido aquele lugar porque parecia estar escondido do resto do mundo. Uma estrada de acesso. Uma estrada de saída. Tudo cercado de árvores. Eles não conheciam ninguém ali. E, se ninguém os conhecia, Jerry não conseguiria encontrá-los.

Mill Grove era um excelente esconderijo.

Ela só precisava de um emprego. Toda manhã, Christopher via a mãe passar batom e pentear o cabelo com capricho. Ele a via colocar os óculos que a deixavam com cara de inteligente, e também a via ficar preocupada com o rasgo debaixo do braço direito do único blazer que tinha para ir a entrevistas. O rasgo era no tecido, não na costura. Portanto, não havia nada a fazer, exceto prender um alfinete de segurança e rezar.

Depois que ele comia uma tigela de Froot Loops, ela o levava até a biblioteca pública, onde ele selecionava o livro do dia, enquanto ela examinava os classificados do jornal. O livro do dia era a “taxa” que ele pagava para comer Froot Loops. Se lesse um livro para treinar a leitura, conquistava o direito de comer Froot Loops. Caso contrário, teria que comer Cream of Wheat (ou coisa pior). Por isso ele fazia questão de ler o livro.

Depois que a mãe anotava algumas possibilidades de emprego, eles voltavam para o carro e saíam para as várias entrevistas. Ela dizia a Christopher que queria que ele fosse junto, que seria uma aventura. Só os dois. Dizia que o velho Ford era um tubarão terrestre e que estavam em busca de presas. A verdade é que não havia dinheiro para uma babá, mas ele não se importava porque estava com a mãe.

Então saíam “caçando presas” e, enquanto dirigia, ela o sabatinava. Nomes das capitais dos estados. Problemas de matemática. E vocabulário.

— A Escola de Ensino Fundamental de Mill Grove é muito legal. Eles têm laboratório de informática e tudo. Você vai adorar o segundo ano.

Onde quer que morassem, a mãe de Christopher sempre procurava ótimas escolas públicas, assim como outras mães procuravam promoções de refrigerante. E, dessa vez, disse ela, ele entraria na melhor de todas as escolas. O hotel ficava perto de um excelente distrito escolar. A mãe prometeu levá-lo de carro todos os dias para ele não ser chamado de “menino do hotel” até que ela economizasse o suficiente para alugar um apartamento. Dizia que queria que ele tivesse o estudo que ela

nunca teve. E tudo bem se não fosse fácil para ele. Naquele ano, ele se sairia melhor em matemática. Nesse ano, todo o esforço dele seria recompensado e ele deixaria de embaralhar as letras quando lia. E ele sorria e acreditava, porque ela confiava nele.

Então, antes de cada entrevista, ela tirava um momento para si mesma e repetia algumas palavras que havia lido nos livros de autoajuda, porque também estava tentando acreditar em si mesma.

“Eles querem gostar de você.”

“Você decide que esse emprego é seu. Não eles.”

Quando finalmente se sentia confiante, os dois entravam no prédio. Christopher ficava sentado na sala de espera e lia o livro, do jeito que ela queria, mas as letras se misturavam, a mente viajava e ele pensava nos velhos amigos. Sentia saudade de Michigan. Se não fosse por Jerry, teria adorado ficar lá para sempre. Os meninos eram legais. E todo mundo era pobre, então ninguém percebia que era. E seu melhor amigo, Lenny Cordisco, o Malucão, era engraçado e quase sempre baixava a calça na frente das freiras no CIC. Christopher se perguntou o que o Lenny Cordisco estaria fazendo naquele momento. Provavelmente, levando mais uma bronca da irmã Jacqueline.

Depois de cada entrevista, a mãe de Christopher vinha com um olhar desanimado que admitia que, no fim das contas, a decisão de contratá-la cabia a eles. Não a ela. Mas não havia nada que pudesse fazer a não ser voltar para o carro e tentar novamente. Ela dizia que o mundo pode tentar tirar tudo de você.

Mas seu orgulho ninguém, ninguém tira.

No sexto dia, a mãe estacionou no centro da cidade, em frente a um parquímetro, e tirou da bolsa seu fiel saco de papel. Aquele em que estava escrito EM MANUTENÇÃO. Ela cobriu o parquímetro com o saco e disse a Christopher que roubar era feio, mas que cobrar por estacionamento era pior ainda. Ela acertaria as contas com o mundo quando conseguisse dar a volta por cima.

Normalmente, Christopher tinha que ficar na sala de espera, lendo seu livro. Mas, no sexto dia, um delegado de polícia e o subdelegado estavam comendo do outro lado da rua, numa lanchonete. Ela os chamou e perguntou se eles ficariam ali por algum tempo. Eles a cumprimentaram e disseram que podiam ficar de olho no menino. Então, como recompensa pela leitura, ela deixou Christopher no parquinho e se dirigiu a um lar de idosos para mais uma entrevista de emprego. Aos olhos de Christopher, o nome do lar de idosos era algo como...

Sahdy Pnies

— Shady Pines — corrigiu ela. — Se você precisar de alguma coisa, chama o delegado.

Christopher foi para os balanços. Havia uma lagartinha no banco do balanço. Ele sabia que o Lenny Cordisco a teria esmagado. Mas Christopher não gostava quando as pessoas matavam criaturas pequenas. Então ele pegou uma folha e colocou a lagarta debaixo de uma árvore onde seria mais fresco e seguro. Depois, voltou para os balanços. Talvez ainda não fosse tão musculoso, mas, minha nossa, como ele era bom em pegar impulso.

Quando começou a balançar, olhou para as nuvens. Havia dezenas. Cada uma tinha um formato. Uma parecia um urso. Outra parecia um cachorro. Viu formas de pássaros. E de árvores. Mas havia uma nuvem que era mais bonita que todas as outras.

Aquela que parecia um rosto.

Nem de homem. Nem de mulher. Apenas um belo rosto feito de nuvens.

E sorria para ele.

Ele se soltou e pulou do balanço.

Fingiu ter caído na lateral do campo de beisebol. Fim do nono *inning*. Dois eliminados. Interceptação espetacular. Os Tigers vencem! Mas Christopher estava agora perto de Pittsburgh, na Pensilvânia. Seria bom mudar de time para que as crianças gostassem dele. Vai, Pirates!

Depois de dez minutos no balanço, sua mãe apareceu. Dessa vez, nada de olhar desanimado. Apenas um grande sorriso.

— Conseguiu o emprego? — indagou Christopher.

— Hoje vai ter comida chinesa pro jantar.

Depois de agradecer ao delegado pela ajuda e de ser advertida sobre o saco EM MANUTENÇÃO, ela levou o filho de volta ao tubarão terrestre e em seguida para a noite de filme. Sexta-feira era a noite deles. Ela não deixava passar. De jeito nenhum. E aquela seria a melhor de todas em muito tempo. Sem Jerry. Só o clube especial com apenas dois sócios. Junk food. E filmes antigos emprestados da biblioteca.

Então foram de carro até o 7-Eleven para jogar na loteria, como faziam toda sexta. Depois de comprar cerveja, voltaram à



biblioteca para pegar os dois livros que Christopher teria de ler no fim de semana e alguns filmes para a noite deles. Por que as pessoas pagam por coisas que podem conseguir de graça? Foram para o China Gate, por sugestão do delegado, afinal, policiais sabem melhor que ninguém onde tem comida boa, e ela ficou espantada quando viu os preços, mas fez o máximo para não demonstrar o espanto para o filho. Então sorriu. Disse que ainda tinha um pouco de dinheiro no Visa que Jerry desconhecia e, em uma semana, ela receberia o primeiro pagamento. E, no caminho de volta ao hotel, em meio ao cheiro de rolinhos primavera, frango com laranja e, o favorito de Christopher, lo mein (espaguete chinês do jeito que você gosta!, dizia o menu), planejaram o que fazer com o dinheiro da loteria, como faziam todas as sextas antes de descobrir que tinham perdido.

Christopher dizia que ia comprar uma casa para ela. Fez até uma planta em papel milimetrado. Os planos dele incluíam videogames e um cômodo só para balas e doces. Uma quadra de basquete e um zoológico de animais de estimação, bem na saída da cozinha. Tudo cuidadosamente planejado. Mas o melhor quarto era o da mãe. O maior da casa. Tinha uma varanda com um trampolim acima de uma piscina só para ela. E tinha o maior closet, cheio de roupas bonitas sem rasgos debaixo do braço.

— O que você faria com o dinheiro, mãe?

— Eu arrumaria um professor particular pra você e te daria todos os livros do mundo.

— O meu plano é melhor.

Quando chegaram ao hotel, o frigobar do quarto não estava funcionando muito bem, por isso a cerveja não gelou a tempo do banquete. Então, enquanto ela acompanhava o sorteio da loteria na televisãozinha, Christopher foi até a máquina de gelo no corredor. E fez algo que tinha aprendido nos filmes antigos que costumavam ver: pegou um pouco de gelo e derramou cerveja por cima para ficar bem gelada para ela.

— Pronto, mãe. Com gelo.

Ele não entendeu por que ela riu tanto, mas ficou feliz por vê-la tão contente.

\*

A mãe de Christopher tomou um gole de cerveja com gelo e fez *hummm* até o filho sorrir com orgulho de sua inteligente — embora um tanto equivocada — solução para o problema da cerveja quente. Depois que seus números de loteria não foram sorteados... DE NOVO... ela rasgou o bilhete e colocou um DVD no velho aparelho comprado numa venda de garagem em Michigan. O primeiro filme começou. Um antigo musical que ela adorava quando pequena. Uma das suas poucas boas lembranças. Agora, também era uma boa lembrança do filho. Quando o banquete terminou e a família von Trapp estava em segurança na Suíça, eles quebraram seus biscoitos da sorte.

— O que diz aí no seu, mãe?

— Você terá sorte em tudo o que colocar as mãos.

... *na cama*, pensou ela, mas não disse.

— E o seu, carinha? — perguntou ela.

— O meu está em branco.

Ela examinou. O papelzinho estava, de fato, em branco, exceto por uma série de números. Ele pareceu ficar bastante decepcionado. Aqueles biscoitos já não eram dos mais saborosos. E sem uma mensagem de sorte?

— Na verdade, isso significa boa sorte — declarou ela.

— É mesmo?

— Uma mensagem de sorte em branco é a melhor mensagem de sorte. Agora você pode criar a sua própria mensagem. Quer trocar?

Ele pensou bem e disse:

— Não.

Concluída a negociação, era hora do segundo filme. Antes de ele terminar e de os mocinhos vencerem a luta, Christopher tinha caído no sono no colo da mãe. Ela ficou sentada por um bom tempo olhando para ele dormindo. Lembrou-se de outra sessão de sexta à noite, em que viram *Drácula* e ele fingiu que não estava com medo, embora só tenha usado suéteres de gola alta por um mês inteiro.

Há um momento em que a infância acaba, pensou. E ela queria que o momento dele demorasse muito a chegar. Queria que o filho fosse inteligente o suficiente para sair daquele pesadelo, mas não inteligente o bastante para saber que estava vivendo um.

Ela pegou o menino adormecido e o levou para o saco de dormir. Deu um beijo na testa dele e, por instinto, verificou se não estava com febre. Então voltou para a pequena cozinha. E,

quando terminou a cerveja com gelo, serviu outra exatamente igual. Porque percebeu que jamais esqueceria essa noite.

A noite em que parou de fugir.

Foram quatro anos.

Quatro anos desde que encontrou o marido morto numa banheira cheia de sangue sem nenhum bilhete. Quatro anos de dor, raiva e um comportamento despropositado. Mas tudo tem limite. Para de fugir. Para de fumar. Para de se matar. Seu filho merece coisa melhor. Você também. Chega de dívidas. Chega de homens que não prestam. Nada além da paz de uma vida de trabalho e prosperidade. Um pai ou uma mãe com emprego já é o herói de alguém. Mesmo que o emprego seja limpar a sujeira de idosos num asilo.

Ela saiu com a cerveja gelada e foi para a escada de incêndio. Sentiu a brisa fresca. E lamentou que fosse tão tarde, caso contrário, ouviria sua música favorita de Springsteen e fingiria que era uma heroína.

Quando acabou a bebida e o último cigarro que acenderia na vida, ela se sentiu feliz, contemplando a fumaça que subia e desaparecia na noite de agosto e as belas estrelas por trás daquela nuvem imensa.

A nuvem que parecia um rosto sorridente.

## CAPÍTULO 3

A semana depois que a mãe conseguiu o emprego foi a melhor que Christopher teve em muito tempo. Todas as manhãs, ele olhava pela janela e via a lavanderia do outro lado da rua. E o poste de linha telefônica. E o poste de luz com a pequena árvore.

E as nuvens.

Elas estavam sempre lá. Havia algo prazeroso nelas. Como o cheiro de luvas de beisebol de couro. Ou como aquela vez que sua mãe fez sopa Lipton em vez de Campbell, porque Christopher gostava do macarrãozinho. As nuvens o faziam se sentir seguro. Não importava se estivessem comprando material escolar ou roupas, borrachas ou folhas, as nuvens estavam sempre lá. E sua mãe estava feliz. E não havia escola.

Até segunda.

No minuto em que acordou na segunda-feira, Christopher viu que a nuvem em formato de rosto havia desaparecido. Não sabia aonde o rosto tinha ido, mas ficou triste. Porque aquele era o dia. O dia em que realmente precisava das nuvens para reconfortá-lo.

O primeiro dia de aula.

Christopher jamais poderia dizer a verdade à mãe. Ela trabalhava tanto para mantê-lo naquelas boas escolas, que ele se sentia culpado só de pensar nisso. Mas a verdade era que odiava escola. Ele não se importava com o fato de não conhecer ninguém. Já estava acostumado. Mas havia algo que o deixava nervoso quando era transferido para uma nova escola. Para simplificar,

Ele era burro.

Podia ser um bom menino, mas era um péssimo aluno. Acharia até melhor que a mãe gritasse com ele por ser burro, como a mãe do Lenny Cordisco. Mas ela não fazia isso. Mesmo quando ele trazia para casa as provas de matemática com notas baixas, ela sempre dizia a mesma coisa.

— Não se preocupa. Continua se esforçando. Você vai conseguir.

Mas ele se preocupava. Porque não entendia a matéria. E sabia que nunca entenderia. Ainda mais numa escola puxada feito a Escola de Ensino Fundamental de Mill Grove.

— Ei! A gente vai se atrasar pro seu primeiro dia de aula. Termina logo esse café da manhã.

Quando terminou a tigela de Froot Loops, Christopher tentou praticar a leitura com o verso da caixa. Tinha uma tirinha do Gato Mau. O Gato Mau era o desenho animado mais divertido das manhãs de sábado. Mesmo naquela versão na caixa de cereal, ele era hilário. O Gato Mau foi até um canteiro de obras e roubou o sanduíche de um operário. E comeu tudo. E, quando o pegaram, ele disse seu bordão:

— Desculpa. Você ia comer isso?

Porém, naquela manhã, Christopher estava nervoso demais para rir da tirinha. Então, imediatamente, procurou outras coisas que o distraíssem. Seus olhos encontraram a caixa de leite. Havia a foto de uma menina desaparecida. Ela sorria sem os dois dentes da frente. Seu nome era Emily Bertovich. Foi isso que sua mãe lhe disse. Para ele, o nome era...

Eimyl Bretvocih.

— A gente está atrasado. Bora, carinha — chamou a mãe.

Christopher bebeu o restinho de leite açucarado do fundo da tigela para ganhar coragem, então fechou o zíper do moletom vermelho com capuz. Enquanto seguiam de carro até a escola, Christopher ouviu a mãe explicar que eles “tecnicamente” não “moram” no distrito da escola dele e que ela meio que “mentiu” que seu endereço de trabalho era onde eles moravam.

— Então não conta pra ninguém que a gente mora no hotel, tá bom?

— Tá bom.

Enquanto o carro percorria as ladeiras, Christopher contemplava as diferentes áreas da cidade. Carros estacionados em cima dos gramados. Casas com pintura descascando e telhas faltando. Uma picape na calçada com o trailer usado em viagens de caça. Parecido com Michigan. Então passaram por uma área mais bonita. Grandes casas de pedra. Gramados bem-cuidados. Carros reluzentes nas garagens. Precisava acrescentar isso ao esboço da planta da casa de sua mãe.

Enquanto avançavam, Christopher procurou as nuvens no céu. Tinham ido embora, mas ele viu algo que o agradou. Por todos os bairros que passavam, ele estava sempre lá. Grande e bonito, cheio de árvores. Tudo verde e lindo. Por um segundo, ele pensou ter visto algo correr lá para dentro. Rápido feito um raio. Não sabia ao certo o que era. Talvez um cervo.

— Mãe, o que é aquilo?

— É o bosque da Mission Street.

Quando chegaram à escola, a mãe de Christopher quis dar um beijo melado nele na frente de todos os novos colegas. Mas ele precisava manter a dignidade, então ela lhe entregou um saco de papel marrom com o lanche e 50 centavos para comprar leite.

— Espera por mim na saída da escola. Nada de falar com estranhos. Se precisar de mim, é só ligar pra Shady Pines. O número está numa etiqueta costurada na sua roupa. Te amo, querido.

— Mãe? — Ele estava com medo.

— Você vai conseguir. Você já fez isso antes. Certo?

— Mamãe...

— Pode me chamar de mãe. Você não é mais um menininho.

— Mas eles vão ser mais inteligentes que eu...

— Notas e inteligência não são a mesma coisa. Continua se esforçando. Você vai conseguir.

Ele fez que sim e deu um beijo nela.

Christopher saiu do carro e se aproximou da escola. Dezenas de crianças já estavam por lá, batendo papo depois das



férias de verão. Dois gêmeos trocavam empurrões, rindo. O menorzinho usava um tapa-olho para olho preguiçoso. Algumas meninas se coçavam com a roupa nova que pinicava. Uma delas usava maria-chiquinha. Quando o viram, as crianças pararam e ficaram olhando para ele, como sempre faziam quando chegava um estranho. Ele era a novidade na vitrine da loja.

— Oi — cumprimentou. E elas menearam a cabeça, do jeito que as crianças sempre fazem. Caladas e desconfiadas no início. Como qualquer bando de animais.

Christopher entrou rapidamente na sala de aula e se sentou perto do fundo. Sabia que se sentar na frente não seria bom, porque é sinal de fraqueza. A mãe costumava dizer: “Nunca confunda ser bom com ser fraco.” Christopher achava que talvez isso funcionasse no mundo dos adultos.

Não no mundo das crianças.

— Esse lugar é meu, Lesma.

Christopher ergueu o olhar e viu um aluno do segundo ano com suéter de menino rico e o cabelo bem-cortado. Logo reconheceria Brady Collins pelo nome. Mas, por enquanto, ele era só o menino que ficou zangado porque Christopher não conhecia as regras.

— Como?

— Você está no meu lugar, Lesma.

— Ah. Tá bom. Foi mal.

Christopher conhecia essa dinâmica. Então simplesmente se levantou.

— Nem reagiu. Que Lesma — comentou Brady Collins.

— E olha só a calça dele. É tão curta que dá pra ver as meias. Nem vai molhar a barra se pegar uma enchente, hein — acrescentou uma menina.

Quando, mais tarde, a professora fez a chamada, Christopher ouviria o nome dela, Jenny Hertzog. Mas, por enquanto, ela era só uma garota magricela, dentuça e com um Band-Aid no joelho, dizendo:

— Olha o dilúvio! Olha o dilúvio!

As orelhas de Christopher ficaram vermelhas. Rapidamente, ele foi para a única carteira disponível. Bem na frente da mesa da professora. Olhou para a bainha da própria calça e presumiu que devia ter crescido, porque parecia até a calça do Alfalfa, dos Batutinhas. Tentou puxá-la um pouco mais para baixo, mas o jeans não se mexeu.

— Desculpem o atraso, meninos e meninas — disse a professora, entrando às pressas na sala de aula.

A srta. Lasko era mais velha, com idade de mãe, mas se vestia como se ainda fosse adolescente. Usava saia curta, tinha cabelo loiro, estilo *A noviça rebelde*, e a maquiagem dos olhos era a mais carregada que Christopher já havia visto fora de um circo. Com um gesto rápido, ela botou a garrafa térmica em cima da mesa, com um baque, e escreveu seu nome no quadro-negro com uma caligrafia perfeita:

*Srta. Lasko*

— Ei! — sussurrou uma voz.

Christopher se virou e viu um menino gordo. Por alguma razão que Christopher não conseguiu entender, o menino estava comendo bacon.

— Oi? — sussurrou Christopher em resposta.

— Não liga pro Brady e pra Jenny. Eles são dois idiotas. Beleza?

— Valeu.

— Quer um pedaço de bacon?

— Acho que não na hora da aula.

— Você que sabe — disse o menino, e continuou mastigando.

Como acontece no mundo das crianças, foi assim que Christopher substituiu o Lenny Cordisco por um novo melhor amigo. Edward Charles Anderson acabou ficando na mesma turma de reforço de leitura e nos mesmos horários de almoço e de educação física que Christopher. Com o tempo, ele demonstrou ser tão ruim na leitura quanto no futebol americano. Christopher o chamava de Eddie. Mas todo mundo na escola o conhecia pelo apelido.

Ed “Especial”.

## CAPÍTULO 4

Nas duas semanas seguintes, Christopher e Ed Especial se tornaram inseparáveis. Almoçaram todos os dias no refeitório (eu troco a minha mortadela com você). Fizeram reforço de leitura com a querida e idosa bibliotecária, a sra. Henderson, e seu fantoche, Dewey, o Golfinho. Se deram mal juntos nas provas de matemática. Até frequentaram o mesmo CIC duas noites por semana.

Ed Especial disse que as crianças católicas têm que ir para o CIC por uma razão: se preparar para enfrentar o Inferno. Marc Pierce era judeu e perguntou o que significava CIC.

— Conferência para o Inferno Cristão — foi a resposta hilária de Ed Especial.

Christopher não sabia o que CIC significava, mas tinha aprendido, muito tempo atrás, a não reclamar. Certa vez, em Michigan, Christopher se escondeu no mato para não ter que ir a essas aulas. A mãe chamou seu nome várias vezes, mas ele não respondeu. Então, por fim, ela ficou muito irritada e disse:

— Christopher Michael Reese, é melhor você aparecer...  
AGORA.

Ela usou o nome todo. E, quando fazia isso, não tinha jeito. Era preciso responder. Pronto. Fim de jogo. Com o semblante impassível, ela disse a Christopher que seu pai era católico. E que tinha prometido a si mesma que o filho dele seria criado como católico para ter alguma ligação com o pai, além de uma foto tirada no Natal.

Na ocasião, Christopher quis se enfiar num buraco.

Naquela noite, enquanto voltavam de carro para casa, ele pensou no pai lendo a Bíblia. Provavelmente, seu pai não embaralhava as letras como ele. Provavelmente, era bem mais inteligente, porque é assim que os pais são. Bem mais inteligentes. Então Christopher jurou que aprenderia a ler e entender o significado das palavras da Bíblia para ter mais um jeito de pensar no pai, além da lembrança do cheiro de tabaco na camisa dele.

\*

Quanto à escolha da igreja, a mãe de Christopher sempre seguia a estratégia da Guerra Fria, adotada pelo presidente favorito de sua avó, Ronald Reagan. Confie, mas verifique. Foi assim que ela chegou à Igreja de Saint Joseph, em Mill Grove. O sacerdote, padre Tom, tinha acabado de ser ordenado. Nada de escândalos. Nada de paróquia antiga. Era um bom homem. E Christopher precisava de homens bons em sua vida.

No entanto, no que dizia respeito à sua própria fé, não importava quem fosse o padre. Ou se a missa fosse bonita. Ou a

música. Sua fé morreu na banheira junto com o marido. É claro que, quando olhava para o filho, ela entendia por que as pessoas acreditavam em Deus. Mas, quando se sentava na igreja, não ouvia a palavra d'Ele. Tudo o que ouvia eram os cochichos e as fofocas das boas católicas que se referiam a ela como “aquela mãe que precisa trabalhar” (vulgo “gentinha”).

Principalmente a sra. Collins.

Tudo de Kathleen Collins era perfeito. Do cabelo castanho, sempre preso, ao terninho elegante, ao desprezo esnobe por “aquela gente” que, para falar a verdade, Jesus teria amado. A família Collins sempre se sentava na frente. Eles eram os primeiros na fila da comunhão. E, se o cabelo do marido ficasse despenteado, o dedo dela agia imediatamente, feito a garra de um corvo de unhas feitas, devolvendo a mecha ao devido lugar.

Quanto a Brady, filho do casal, era farinha do mesmo saco.

Se a mãe de Christopher só tivesse de lidar com a sra. Collins aos domingos, seria tolerável. Mas o sr. Collins investia no mercado imobiliário e era dono de metade de Mill Grove, incluindo Shady Pines, o lar de idosos onde ela trabalhava. Ele tinha colocado a esposa no comando do estabelecimento. A sra. Collins afirmava que havia assumido o posto para “fazer algo pelo bem da comunidade”. A verdade, porém, era que a função permitia à sra. Collins gritar com funcionários e voluntários, exigindo que sua própria mãe idosa, que sofria de Alzheimer, tivesse o melhor cuidado possível. O melhor quarto. A melhor comida. O melhor de tudo. A mãe de Christopher tinha viajado o suficiente para saber que Mill Grove não passava de uma

pocinha. Mas, para a família Collins, era como se fosse o oceano Pacífico.

— Mãe, no que você tá pensando? — sussurrou Christopher.

— Em nada, querido. Presta atenção.

Pouco antes de transformar o vinho em sangue com algumas palavras bem escolhidas, padre Tom disse ao rebanho que Jesus amava a todos, a começar por Adão e Eva. O que levou Ed Especial a cantar o jingle do Chili's.

— *I want my baby back baby back baby back! Adam's baby back ribs!*

A tirada foi recebida com risadas exageradas, sobretudo pelos pais de Ed Especial.

— Essa foi boa, Eddie. Meu menino é tão inteligente! — comentou a mãe, balançando os braços roliços.

Padre Tom e a professora de CIC, a sra. Radcliffe, suspiraram, como se percebessem que disciplinar Ed Especial agora competia apenas a eles dois.

— A primeira comunhão vai ser incrível — disse Ed Especial no estacionamento, depois da missa. — A gente ganha dinheiro. E até deixam a gente beber vinho.

— É mesmo? — questionou Christopher. — É verdade, mãe?

— Faz parte da comunhão. Mas vai ser suco de uva — explicou ela.

— Tudo bem. Eu bebo vinho em casa. Tchau, sra. Reese — despediu-se Ed Especial, antes de se dirigir à mesa de venda de bolos com os pais.

Na volta para casa, Christopher pensou na missa. Jesus amava a todos. Até as pessoas más. Como Jenny Hertzog e Brady Collins. E Jerry. Christopher pensou que isso era incrível, porque jamais conseguiria amar alguém como Jerry. Mas tentaria, porque é isso que se deve fazer.

Quando chegaram ao hotel, Christopher segurou a porta aberta para a mãe, ela sorriu e o chamou de cavalheiro. E, quando olhou para cima, antes de entrar, ele a viu. Pairando no ar. Uma estrela cadente parecendo um brilho em seu olhar.

A nuvem em formato de rosto.

Normalmente, Christopher não teria pensado muito no assunto. Nuvens eram algo corriqueiro. Mas todos os dias, quando sua mãe o levava para a escola, todas as vezes que passavam pelo bosque da Mission Street, todos os fins de tarde, quando seguiam de carro até o CIC, a nuvem em formato de rosto estava lá.

E era sempre o mesmo rosto.

Às vezes, grande. Às vezes, pequeno. Uma vez, ficou até escondido atrás de outras formas nas nuvens. Um martelo ou um cachorro, ou uma mancha de tinta, como as que o homem lhe mostrou depois que seu pai se afogou por acidente na banheira. Estava sempre lá. Não era de homem. Não era de mulher. Apenas um belo rosto feito de nuvens.

E Christopher podia jurar que o rosto o vigiava.

Teria comentado isso com a mãe, mas ela já se preocupava demais com ele. Christopher conseguia lidar com o fato de ela



achar que ele era burro. Mas não arriscaria que pensasse que era louco.

Não como o pai dele.

## CAPÍTULO 5

As chuvas começaram na sexta.

O trovão acordou Christopher de um pesadelo. O sonho foi tão assustador que ele o esqueceu imediatamente. Mas não esqueceu a sensação que causou. Como se alguém estivesse bem atrás da sua orelha. Fazendo cosquinha. Ele observou o quarto do hotel. O neon da lavanderia lá fora fazia com que as cortinas piscassem.

Mas não havia ninguém lá.

Olhou para o relógio, ao lado da mãe, que dormia na outra cama de solteiro. O visor exibia 2:17. Tentou voltar a dormir. Mas, por algum motivo, não conseguia. Então ficou deitado, de olhos fechados e com a mente a mil.

E escutando a chuva torrencial.

Era tanta chuva, que ele não conseguia saber de onde estava vindo. Pensou que secaria os oceanos.

“Olha o dilúvio! Olha só a calça dele! Olha o dilúvio! Cuidado com o dilúvio, hein!”

As palavras voltaram à mente dele e seu estômago ficou embrulhado. Iria para a escola dentro de poucas horas. Escola

significava sala de aula. E sala de aula significava...

Jenny Hertzog e Brady Collins.

Todas as manhãs, eles o esperavam. Jenny, para xingá-lo. Brady, para brigar com ele. Christopher sabia que sua mãe não queria que ele brigasse com ninguém. Ela sempre dizia que ele não se tornaria um valentão briguento, feito os homens da família dela. Sequer permitia que ele tivesse arminhas de brinquedo.

— Por que não? — perguntou Ed Especial, na hora do almoço.

— Porque a minha mãe é pacifista.

— Você quis dizer pacifista? — corrigiu Ed Especial.

— É. Isso mesmo. Pacifista. Como é que você sabe essa palavra?

— Meu pai odeia esse tipo de gente.

Então Christopher ofereceu a outra face, e lá estava Jenny Hertzog, esperando para debochar dele e das outras crianças do grupo dos burros. Não diga burro, sua mãe costumava adverti-lo. Jamais diga burro. Mas, no fim das contas, não importava. Ele estava no grupo dos burros, e Jenny era especialmente cruel com os alunos burros. Ela chamava Eddie de “Ed Especial”. Matt recebeu o nome de “Papagaio de Pirata”, por causa do tapa-olho. O gêmeo dele, Mike, era o melhor atleta da escola, mas Jenny gostava de chamá-lo de “Mike Duas Mães” ou “Mike Sapatão”, dependendo do seu humor, visto que ele e o irmão Matt tinham duas mães e não tinham pai. Mas Christopher era o novato, então levava a pior. Toda aula começava com Jenny

Hertzog apontando para a calça curta de Christopher e cantarolando:

— Olha o dilúvio! Olha o dilúvio!

A situação ficou tão ruim que Christopher pediu à mãe que lhe comprasse uma calça nova, mas, quando viu em seu rosto que ela não tinha como pagar, fingiu que estava brincando. Então, na hora do almoço, ele disse à moça do refeitório que não queria leite; assim, poderia economizar cinquenta centavos por dia e comprar a calça com o próprio dinheiro. Christopher já havia poupado US\$ 3,50.

Só não sabia ao certo quanto custava uma calça.

Resolveu perguntar à srta. Lasko, mas os olhos dela estavam um pouco vermelhos e o hálito parecido com o de Jerry depois de uma noite no bar. Por isso ele esperou até o fim do dia e foi procurar a adorável sra. Henderson.

A sra. Henderson era muito calada. Mesmo para uma bibliotecária. Era casada com o professor de ciências, o sr. Henderson. O nome dele era Henry. Christopher achava muito estranho que professores tivessem nome além do sobrenome, mas tudo bem. Henry Henderson.

Eram tantos és.

Quando Christopher perguntou à sra. Henderson quanto custava uma calça, ela disse que eles poderiam procurar no computador. A mãe de Christopher não tinha computador, então a experiência foi especial. Pesquisaram on-line a palavra “calça”. Buscaram em diversas lojas. E ele viu que as coisas custavam muito dinheiro. Uma calça na JCPenney custava US\$ 18,15.

— Quantos cinquenta centavos é isso? — perguntou à sra. Henderson.

— Eu não sei. Quantos? — devolveu ela.

Christopher era quase tão fraco em matemática quanto em leitura. Mas, como boa professora, em vez de dar a resposta, a sra. Henderson lhe deu um lápis e uma folha e mandou que descobrisse. Ela voltaria dali a pouco para conferir. Então ele se sentou, somando 50 centavos com 50 centavos. Dois dias são 100 centavos. Isso é um dólar. Três dias são 150 centavos. Isso é um dólar e cinquenta centavos. Com os sete dólares que tinha em seu cofrinho, isso significava que ele podia...

oi

Christopher olhou para o computador. A máquina emitiu um barulhinho. E apareceu uma janelinha no canto esquerdo. Dizia MESNAGME INTSATNÂNEA. Mas Christopher sabia que isso significava mensagem instantânea. Alguém estava escrevendo para ele.

oi

Christopher se virou para procurar a sra. Henderson, mas ela não estava por lá. Ele estava sozinho. Voltou a olhar para a tela. O cursor não parava de piscar. Ele sabia que não deveria falar com estranhos. Mas, na verdade, aquilo não era falar. Assim, teclou com o indicador da mão direita. Tec-tec.

“Oi”, digitou Christopher em resposta.

quem é?

“Christopher.”

oi, christopher. é muito bom te conhecer. onde você está agora?

“Eu tô an bliblioteca.”

você tem dificuldade com as letras, né? qual biblioteca?

“Na escola.”

qual é a sua escola? deixa eu adivinhar. escola de ensino fundamental de mill grove, né?

“Como é que você sabe?”

chute. você está gostando da escola?

“É bom.”

a que horas você vai sair da escola?

Christopher parou. Algo parecia errado. Ele digitou.

“Quem é?”

Silêncio. O cursor piscou.

“Quem é você?”, digitou Christopher novamente.

Silêncio outra vez. Christopher observou o cursor piscar e piscar. O ambiente estava calmo e silencioso. Mas ele sentia alguma coisa. Um ar meio abafado. Como quando se fica debaixo das cobertas por muito tempo.

— Oi? — chamou Christopher na biblioteca vazia.

Christopher olhou para as prateleiras em volta. Achou que alguém poderia estar se escondendo. Começou a ter uma sensação de pânico. Como em Michigan, quando Jerry voltava para casa de mau humor, vindo do bar.

— Oi? — chamou de novo. — Quem tá aí?

Sentiu um arrepio na nuca. Como acontecia quando a mãe lhe dava um beijo de boa-noite. Um sussurro sem palavras. Ouviu o bipe do computador. Olhou. E viu a resposta da pessoa.

um amigo

Quando a sra. Henderson voltou, a tela ficou em branco. Ela olhou para os cálculos e disse que ele devia pedir ajuda à srta. Lasko. Nesse meio-tempo, ela lhe deu três livros para o fim de semana para ajudá-lo com a leitura. Um livro era velho e tinha muitas palavras. Mas os outros dois eram divertidos. *O Gato Mau come a letra Z* e *Snoopy*. *Snoopy* não era tão bom quanto *O Gato Mau*. Mas até que *Snoopy* era bom. Principalmente seu irmão Spike, que mora em Needles. Que palavra. Needles.

Tantos és.

Quando o sinal tocou, a sra. Henderson acompanhou Christopher até o estacionamento. Christopher acenou em despedida, quando ela e o marido entraram no velho utilitário. A srta. Lasko entrou em seu carro esporte vermelho-cereja, que deve ter custado um milhão de caixinhas de leite de cinquenta centavos. Um por um, os professores foram embora. E os alunos também. Os gêmeos — “Papagaio de Pirata” e “Mike Duas Mães” — trocavam passes com sua bolinha de futebol americano de plástico enquanto embarcavam no ônibus escolar. Ed Especial mostrou a língua ao subir no ônibus, fazendo Christopher sorrir. Então os últimos ônibus partiram. E, quando todo mundo foi embora, Christopher procurou o segurança.

Mas ele não estava lá.

E Christopher estava sozinho.

Ele se sentou num banco e esperou no estacionamento pela mãe, que viria buscá-lo para o filme de sexta. Tentou pensar no filme e não naquele mau pressentimento. Na sensação de que

algo poderia pegá-lo. Estava nervoso, esperando do lado de fora. E só queria que a mãe chegasse logo.

Onde ela estava?

Um trovão retumbou. Christopher olhou para a prova de matemática. Foram 4 acertos em 10. Precisava se esforçar mais. Ele pegou o primeiro livro. *O jardim de versos de uma criança*. Estava velho. Meio empoeirado. Christopher sentiu a lombada do livro estalar um pouco. A capa de couro tinha cheiro de luvas de beisebol. Havia um nome na primeira página. Escrito a lápis.

D. Olson

Christopher virou as páginas até encontrar uma ilustração de que gostasse. Então se concentrou e começou a ler. As letras estavam embaralhadas.

No atlo da cejereira,  
Subo e não faço bestiera

De repente, uma sombra cruzou a página. Christopher olhou para cima. E viu algo pairando no alto, bloqueando a luz.

Era a nuvem em formato de rosto.

Do tamanho do céu.

Christopher fechou o livro. Os pássaros se calaram. O ar ficou frio. Mesmo para setembro. Olhou em volta para ver se alguém o observava. Mas o segurança ainda não estava por lá.



Então Christopher voltou a atenção para a nuvem em formato de rosto.

— Oi? Você consegue me ouvir? — perguntou ele.

Um estrondo abafado ecoou ao longe. Um trovão.

Christopher sabia que podia ser coincidência. Ele podia até ser um mau aluno, mas era um menino inteligente.

— Se você consegue me ouvir, pisca o olho esquerdo.

Lentamente, a nuvem piscou o olho esquerdo.

Christopher ficou em silêncio. Assustado por um segundo. Ele sabia que isso não estava certo, que não era normal. Mas era incrível. Passou um avião, deslocando a nuvem em formato de rosto e fazendo com que ela sorrisse feito o gato da Alice.

— Você pode fazer chover se eu te pedir?

Antes que ele pronunciasse a última palavra, uma chuva desabou sobre o estacionamento.

— E fazer parar?

A chuva parou. Christopher sorriu. Achou engraçado. A nuvem em formato de rosto deve ter entendido que ele estava rindo, porque começou a chover. E depois parou. E choveu. Então parou. Christopher deu uma risada igual à do Gato Mau.

— Para com isso! Você vai ensopar a minha roupa da escola!

A chuva parou. Mas, quando Christopher olhou para cima, a nuvem começou a se afastar, deixando-o mais uma vez sozinho.

— Espera! — gritou. — Volta aqui!

A nuvem pairou sobre a parte mais alta do terreno. Christopher sabia que não devia fazer isso, mas foi incapaz de